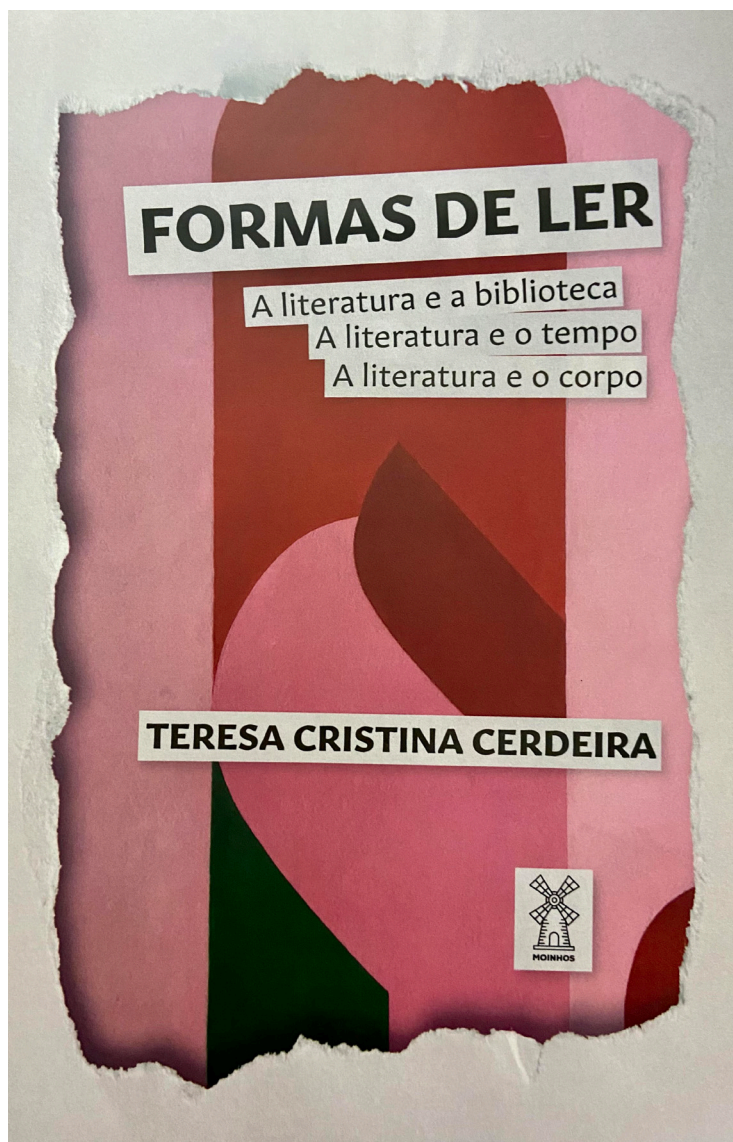


**CERDEIRA, Teresa Cristina. *Formas de ler*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020, 204pp.**



### ***Formas de Ler* escritores portugueses**

Pergunto-me, muitas vezes, que seria da literatura portuguesa, do seu estudo, da sua divulgação, sem a voz empenhada de alguns dos melhores universitários brasileiros, seus leitores tão atentos. Teresa Cristina Cerdeira (TCC) é uma dessas vozes que, incansavelmente, a



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

*Metamorfoses*, Rio de Janeiro, vol. 17, número 2, p. 316-318, 2021

tem divulgado, com análises sempre teoricamente rigorosas e de apurada sensibilidade artística, que nos dão a conhecer o melhor dessa literatura. Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde tem desenvolvido toda a sua carreira acadêmica, o seu livro *José Saramago: entre a história e a ficção, uma saga de portugueses*, resultado de uma tese de doutoramento, foi o primeiro longo ensaio a debruçar-se sobre a questão da história na obra do escritor português, tornando-se um livro indispensável para o conhecimento da obra de quem viria a ser Prémio Nobel. Foi publicado em Portugal pela Dom Quixote, em 1989, e reeditado no Brasil em 2020 pela Moinhos, como também o foram os seus livros seguintes, que nos dão uma ampla mostra de que os seus interesses se estendem a muitos outros escritores portugueses, com eles percorrendo largos séculos, vários géneros e movimentos. Assim, em *Formas de Ler - A Literatura e a Biblioteca, e o Tempo e o Corpo*, agora publicado no Brasil pela Ed Moinhos, recolhe ensaios sobre obras de José Saramago, Helder Macedo, Jorge de Sena, José Cardoso Pires, António Lobo Antunes, Mário Cláudio, Eduardo Lourenço, Mário de Sá-Carneiro, António Patrício e Camões.

Sabemos bem como, na maior parte dos casos, são as circunstâncias académicas que determinam a escolha dos assuntos e dos objetos da tarefa ensaística. Mas também é certo que o professor tem as suas escolhas e os seus autores, aos quais, sempre que pode, dá prioridade na elaboração dos programas curriculares e no espaço das suas aulas. Excelente conhecedora de toda a literatura portuguesa e brasileira, Teresa Cristina Cerdeira tem dedicados, tanto à sua poesia como à sua narrativa, alguns dos mais importantes contributos interpretativos, apontando e explorando linhas de leitura assinaláveis, desde os românticos aos nossos dias. Garrett, Herculano, Cesário Verde, Pessoa e David Mourão-Ferreira, não sendo protagonistas neste livro, são escritores cujas obras a ensaísta analisa em volumes anteriormente publicados.

É obrigatório destacar o lugar cimeiro que ocupam os seus trabalhos sobre Saramago e Helder Macedo, em particular os estudos e análises sobre a forma como o primeiro (re)escreve a História e o segundo faz excelente literatura, também reescrevendo-a. Bom exemplo, neste livro, o ensaio “Vícios e Virtudes de Helder Macedo: desejo e traição da história” e, em livros anteriores, ensaios sobre *Partes de África* e *Pedro e Paula*.

Neste *Formas de Ler* a autora organizou os ensaios que o integram em três campos-chave: “A literatura e a biblioteca: o diálogo com os textos”, “A literatura e o tempo: o diálogo com a história”; “A literatura e o corpo: eros contra a melancolia”. É, pois, a partir destes três núcleos fundacionais da obra de arte - a “biblioteca” (no sentido que a teoria literária tem dado a este termo, ou seja, o acervo de escritas que cada escritor/leitor transporta consigo), o tempo e o corpo - que TCC desenvolve as suas “formas de ler”.

Assim, por exemplo, o estudo do diálogo de uma obra literária com os textos anteriores leva-a a mostrar-nos como a leitura do *Ensaio sobre a Cegueira* de Saramago se enriquece em diálogo com a obra de Primo Levi, em especial *É isto um homem?*, e ainda com as Pinturas Negras de Goya e as parábolas visuais de Brueghel (mesmo se não nomeados no romance). E como esse gesto nos dá a ver com maior profundidade o “testemunho histórico” e a reflexão sociológica e política sobre a violência que o romance do português desenvolve; por esta via, a autora segue o seu “ponto de partida: historicizar e não apenas alegorizar a leitura de *Ensaio sobre a Cegueira*”.

Por sua vez, a obra, plural e plurigenérica, de Helder Macedo – a ficção narrativa, a poesia, o ensaio –, sobre a qual tem uma volumosa produção, ocupa vários dos textos de *Formas de Ler*. Sustentada pela noção de “biblioteca” diz desejar “iluminar” o que chama “uma sinestésica gramatura” da sua escrita, da sua “voz”: “Interessou-me sempre surpreender as alianças e os cruzamentos na sua aventura poética, ensaística e ficcional, reconhecendo em que medida esses modos de escrita se beneficiam não exatamente das interferências mas das correspondências que a cultura inscreve no corpo que escreve”. Uma obra tecida por Helder Macedo em riquíssimo diálogo, estético e cultural com, entre outras, as vozes de Bernardim Ribeiro, Camões ou Machado de Assis, a pintura, a ópera, o cinema. E também, e muito, repito, a História.

Discípula entusiasmada de Roland Barthes e aluna de Georges Duby, com quem se preparou para a sua tese de doutoramento, é na secção que persegue o “compromisso” dos escritores portugueses com a História que Teresa Cristina Cerdeira nos mostra como, com o romance *Vícios e Virtudes*, Helder Macedo constrói “uma forma nova de pensar a história”. Magnífico ensaio, onde a autora analisa os vários planos e a complexidade deste excelente romance, um “romance histórico” novo.

*Formas de Ler* é explicitamente atravessado por um olhar político, sendo brilhantes as leituras de *O Esplendor de Portugal*, de Lobo Antunes (“da impossibilidade de aprender a liberdade”), ou do “exílio cívico” de Cardoso Pires. Mas esse olhar está também nas leituras da “biblioteca” em Saramago e da escrita do erotismo. Assim, em “A literatura e o corpo”, Jorge de Sena “é o eleito para ilustrar esse modo de saber construir pelas vias da experiência erótica, uma barragem contra o modelo secular da melancolia que, grosso modo, vem caracterizando o conceito – ele próprio largamente problemático – da identidade nacional portuguesa” (“erotismo e ética”).

Não cabe dar aqui conta dos 16 ensaios que compõem o livro e no-lo confirmam. Basta ler o título que Teresa Cristina Cerdeira deu às palavras com que nos introduz o seu livro: “Um pronunciamento para o tempo presente”. Nelas reafirma o que disse na jornada de homenagem a Cardoso Pires, nos 20 anos da sua morte (out. 2018), em vésperas das últimas eleições brasileiras: “Venho falar-vos hoje, com o coração de uma brasileira dilacerada pela pátria, de uma literatura de compromisso e testemunho, porque neste tempo globalizado – que dizem ser o nosso – ainda há que haver utopia e esperança.” A partir deste lugar, cultural e afetivo, de um conhecimento amplo e rigoroso da teoria literária e de uma profunda, informada e sábia relação com a literatura portuguesa, Teresa Cristina Cerdeira oferece-nos mais um conjunto de estudos que louvamos e agradecemos.

*Maria Fernanda de Abreu*  
*Universidade Nova de Lisboa / CHAM*  
(Esta resenha foi publicada anteriormente no JL de Lisboa)